

ASSOCIAÇÃO ENTRE TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA E TRAUMA NA INFÂNCIA: DADOS PRELIMINARES DE UM ESTUDO COM GESTANTES

DANIELE BEHLING DE MELLO¹; MATHEUS GONÇALVES DE OLIVEIRA²;
TAILAN RUTZ BARTEL²; VICTÓRIA NUNES REAL ALVES DA SILVA²;
MARIANA BONATI DE MATOS²; KAREN AMARAL TAVARES PINHEIRO³

¹*Universidade Católica de Pelotas – daniele.b.mello@hotmail.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – matheus150897@outlook.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – tailanrb@gmail.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – vick.real@hotmail.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – mariananabonatidematos@gmail.com*

³*Universidade Católica de Pelotas – karenap@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A gestação é um período de transição para as mulheres, onde surgem diversas mudanças biológicas, psicológicas e sociais, que podem afetar sua saúde física e mental e consequentemente afetar a saúde do bebê. Nesta fase é comum que traumas ocorridos na infância sejam recordados de forma mais intensa devido a maior vulnerabilidade emocional. Podemos considerar trauma na infância aquelas experiências traumáticas que ocorreram em idades precoces e que podem gerar um impacto na saúde mental do indivíduo. Situações estressoras traumáticas na infância como abuso físico, sexual, emocional e/ou negligência podem estar associados a prejuízos psicológicos na fase adulta (FALCONE et al. 2005).

Além disso, no período gestacional observa-se maior incidência de transtornos psiquiátricos na mulher, principalmente no que se refere a ansiedade. Entre os transtornos de ansiedade, destaca-se o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) que difere do simples sintoma de ansiedade por sua intensidade e prejuízo social. No TAG, a ansiedade é persistente e não se restringe a um único objeto. Os sintomas dominantes podem variar, mas destacam-se queixas de nervosismo constante, tremores, tensão muscular, úlceras pépticas, sudorese, tontura, palpitações, cefaleia, entre outros. O sintoma tem suas preocupações voltadas a atividades cotidianas, como problemas no emprego, saúde dos familiares, finanças e questões semelhantes (APA, 2014).

Estudos mostram que a presença do TAG está associada a vários fatores sendo um deles as situações traumáticas vividas na infância (FINZI DOTTAN; KARU T; 2003). Neste sentido torna-se necessário abordar estas questões para que se tenha uma melhor atenção a saúde mental no período pré e pós-parto destas mulheres a fim de manter ou recuperar o bem-estar, e prevenir complicações futuras para o filho.

Sendo assim, o objetivo deste presente trabalho é avaliar a presença do transtorno de ansiedade generalizada, associado a traumas vividos na infância em uma amostra de gestantes da cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, aninhado a um estudo longitudinal que tem como título: “Transtornos neuropsiquiátricos maternos no ciclo gravídico-puerperal: detecção e intervenção precoce e suas consequências na tríade familiar”. Estão sendo entrevistadas gestantes com até 24 semanas de gestação, captadas através dos setores censitários delimitados pelo Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE). A zona urbana da cidade subdivide-se em 488 setores, para realização do estudo maior, foram sorteados 244 destes. As gestantes são identificadas através de bateção, quando identificadas são convidadas a participar do estudo e ao aceitarem participar é realizada uma entrevista domiciliar que investiga questões sobre a saúde física e mental, além de questões sócio demográficas.

Para identificar a presença de trauma na infância foi utilizada a *Escala Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ) com opções de respostas do tipo Likert de 1 a 5 pontos a qual investiga cinco domínios traumáticos: abuso físico, abuso emocional, abuso sexual, negligência física e negligência emocional, através de vinte e oito perguntas. Para este estudo obteve-se um escore total com a soma da pontuação de todos os traumas que pode variar de 25 (ausência de qualquer trauma) a 125 (escore máximo para a presença de traumas) (OLIVEIRA et al.2006).

A *Mini International Neuropsychiatric Interview Plus* (Mini Plus) é uma entrevista diagnóstica semi-estruturada que visa classificar os entrevistados de forma compatível com os critérios do DSM-IV e CID-10. A entrevista é constituída por módulos diagnósticos independentes e para este estudo foi utilizado o módulo “P” que avalia a presença de TAG (AMORIM, 2000).

Quanto ao processamento e análise dos dados, após a codificação, estes foram duplamente digitados no programa Epidata 3.1 e analisados no programa estatístico SPSS 22.0. Para análise univariada foram realizadas frequências absolutas e relativas, assim como, média e desvio padrão, de acordo com os tipos de variáveis. Quanto a análise bivariada foi utilizado o Teste-t de student.

Todos as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e assinaram um “Termo de consentimento livre e esclarecido”. Além disso, aquelas mulheres que apresentaram TAG foram encaminhadas, para tratamento adequado de acordo com o serviço do Sistema Único de Saúde. O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Católica de Pelotas sob o parecer número 47807915400005339.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo encontra-se em andamento e até o momento foram analisados os dados de 560 gestantes. Estas tinham idade média de 27,0 ($\pm 6,3$) anos. A maioria das mulheres pertenciam a classe econômica C (55,0%), trabalhavam (54,6%) e viviam com companheiro (82,1%). Quanto aos aspectos gestacionais 57,1% já havia engravidado anteriormente e 42,5% afirmaram ter planejado a gravidez atual.

A prevalência de TAG foi de 9,3% da amostra. Já a média de trauma na infância foi de 37,1 ($\pm 13,6$) pontos. No que se refere a associação entre TAG e a média detraumas vividos na infância, entre as mulheres que tinham TAG a média de trauma foi de 42,4 ($\pm 14,8$) pontos, já entre aquelas que não apresentaram TAG a média de trauma foi de 36,6 ($\pm 13,3$) ($p=0,004$). Nossos resultados indicam que

mulheres com TAG apresentam maior média de traumas ocorridos na infância quando comparadas aquelas que não tem TAG.

De acordo com Kinrys e Wygant (2005) as mulheres apresentam maior risco, quando comparadas aos homens, para o desenvolvimento de transtornos de ansiedade ao longo da vida. Além disso, diversos estudos sugerem maior gravidade de sintomas, cronicidade e prejuízo funcional dos transtornos de ansiedade entre as mulheres. Os mesmo autores encontraram uma prevalência de TAG de 10,3% entre mulheres, dado que se mostram semelhante ao resultado encontrado em nosso estudo (9,3%). Quanto ao nosso resultado principal, Bernet e Stein (1999), atribuem a origem da ansiedade a uma causa, que seria ocasionada por eventos traumáticos muito precoces. Traumas interpessoais e outras adversidades podem estar associadas com o inicio de alguma patologias, como transtornos de ansiedade.

4. CONCLUSÕES

Apesar de não ter encontrados estudos que abordem o tema deste trabalho especificamente em gestantes sabe-se que o trauma na infância pode estar associado ao desenvolvimento de certas psicopatologias. Portanto, ao referir-se ao período gestacional, e pensar que uma experiência traumática pode gerar um impacto negativo na vida dessas mulheres é de extrema importância abordar dificuldades associadas ao período gestacional e sua relação com os fatores que atuam na manutenção e promoção da saúde mental tanto para as mães como consequentemente para os bebês.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRASSI-OLIVEIRA, R; MILNITSKY STEIN, L; PEZZI, J. Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. **Revista Saúde Pública**, Porto Alegre, 2006.

AMORIM, P. Mini International Neuropsychiatric Interview (MINI): validação de entrevista breve para diagnóstico de transtornos mentais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, 2000.

American Psychiatry Association. Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

CAVALER, Camila Maffioletti; GOBBI, Sergio Leonardo. TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA. **Revista Técnico Científica do IFSC**, v. 1, n. 5, p. 730, 2013.

ANDREATINI, Roberto; BOERNGEN-LACERDA, Roseli; FILHO, D. Z. Tratamento farmacológico do transtorno de ansiedade generalizada: perspectivas futuras. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 23, n. 4, p. 233-242, 2001.

XAVIER, Flávio MF et al. Transtorno de ansiedade generalizada em idosos com oitenta anos ou mais. **Revista de Saúde Pública**, 2001.

FALCONE, Vanda Mafra et al. Atuação multiprofissional e a saúde mental de gestantes. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 612-618, 2005.

KINRYS, Gustavo; WYGANT, Lisa E. Transtornos de ansiedade em mulheres: gênero influência o tratamento?. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2005.

TEICHER, Martin H. Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil. **Scientific American Brasil**, v. 1, n. 1, p. 83-89, 2002.

BERNET, Christine Z.; STEIN, Murray B. Relationship of childhood maltreatment to the onset and course of major depression in adulthood. **Depression and anxiety**, v. 9, n. 4, p. 169-174, 1999.